Sporting Clube de Portugal reconheceu em Francisco Stromp a presença viva do homem-exemplo, de que, nessa hora, ansiosamente, carecia.

Alguém disse dele, quando Chico Stromp capitaneava ainda a equipa de futebol leonina: Um observador perspicaz lerá tão claramente os destinos do Sporting no olhar, na fisionomia, no espírito de Francisco Stromp como nos próprios arquivos da nossa Secretaria. Desde a fundação do clube, em 1906, até ao dia da sua morte, ocorrida a 1 de Julho de 1930, este atleta nunca deixou de se confundir com o próprio Sporting. Dedicou a vida inteira ao seu clube, que mais não constituiu que o prolongamento afectivo da sua própria família. Teve raparigas

Agora falemos da carreira desportiva de António Stromp:
Com menos dois anos que o Francisco, só possuía doze quando da cisão no Campo Grande Futebol Clube. Alinha pelo 1.º Team dos «leões» aos quinze anos e abandona a competição desportiva em 1916, com vinte e dois, vitimado por uma pertinaz enfermidade que, nesse tempo, não tinha cura possível. Como futebolista foi escolhido para todas as selecções organizadas entre 1909 e 1916. Foi igualmente ao Brasil, em 1913, com a equipa lisboeta, tomando parte em todos os jogos, sem excepção. A equipa da Associação de Futebol de Lisboa realizou os sete desafios no espaço de duas semanas, de 13 a 27 de Julho. A selecção ganhou duas vezes, empatou outras duas e perdeu três jogos. António Stromp foi, sem dúvida alguma, um dos jogadores que mais se evidenciaram. Talvez mesmo o mais aplaudido nos sete jogos. Contava dezanove anos quando os efectuou. Após a sua morte, em 1921, alguém recordou esta sua viagem ao Brasil: — Abro, no entanto, uma excepção para me referir à sua passagem pelo Brasil, porque de tal eu tiro conclusões que mais atestam as afirmações que venho fazendo. Foi brillantíssima a sua acção na série de desafios que ali jogou. As maiores atenções, as maiores simpatias, as maiores demonstrações de consideração foram em 1.º lugar para ele. No Rio de Janeiro, como alguém lhe ouvisse dizer que por ser dispendioso não acompanhava Eduardo Luís Pinto Basto a Buenos Aires, logo esse homem, com convicção, lhe ofereceu tal passeio sem o menor encargo. Em São Paulo, ao terminar o desafio em que os nossos ganharam, cerca de três mil portugueses que de tantos tinham vindo assistir, assaltavam os carros dos nossos jogadores numa ânsia louca de verem, mexerem e ouvirem António Stromp, a quem delirantemente aclamavam, e a quem impacientemente buscavam sem que o seu carro aparecesse. — E ainda sobre a sua actuação nos rectângulos brasileiros: — António Stromp jogou sempre com a mesma alma e sem uma tarde menos boa do que outra. Impressionou todos os que o viram jogar, não só pela sua técnica especial, como também pela sua corrida e sobretudo pela modéstia como se conduzia durante e depois do jogo. Vantajosas colocações lhe foram oferecidas para que ficasse no Rio, mas todas recusou. Estas duas citações de Júlio Araújo são bem concludentes.

Mas dezanove anos após a sua morte, surge a prova real do seu valor. Em meados de 1940, nas páginas do jornal Os Sports, Ribeiro dos Reis iniciou um curioso inquérito: Quais foram os melhores jogadores portugueses de todos os tempos, nos diferentes postos? As perguntas foram enviadas a 45 seleccionadores, recrutados entre antigos desportistas e dirigentes. Homens que, pela sua idade e desportivismo, acompanharam o nosso futebol desde o início. Durante semanas foram